



2275 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

#### JUVENTUDES QUE DESAFIAM O PARADIGMA DA MODERNIDADE: PARA QUÊ TRIBOS URBANAS?

Victor Hugo Nedel Oliveira - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Miriam Pires Corrêa de Lacerda - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Em uma sociedade na qual os padrões de “engavetamento” e polarização dos fatos, pessoas e situações (SANTOS, 2002; MORIN, 1973), se apresenta uma juventude que rompe com este paradigma. Este estudo objetiva investigar as percepções dos jovens acerca de si e de seus encontros no coletivo. Para tanto, utiliza-se da conjunção das metodologias das Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006) e dos Diários de Itinerância (BARBIER, 2007). Foram observados jovens em encontro semanal em um parque de Porto Alegre (RS), suas ações e posturas. Nestas observações foram realizadas “rodas de conversa” com estes jovens, na expectativa de conhecer como se dão as relações entre si e entre os espaços pelos quais transitam. Os achados de pesquisa apontam na direção da constituição de si em espaços que se caracterizam pela diversidade. Há uma quebra em relação aos padrões vigentes na modernidade, uma vez que os sujeitos inferem que o encontro juvenil não se dá unicamente pela afinidade entre pares, mas a unidade entre eles se dá pelas diferenças: rockeiros, funkeiros, emos, entre tantos outros. Desta forma, é possível constatar que existe um movimento inconsciente de aproximação juvenil pela diversidade, visto que o processo de divisão de jovens por “tribos”, no caso analisado, perdeu sua força.

### JUVENTUDES QUE DESAFIAM O PARADIGMA DA MODERNIDADE: PARA QUÊ TRIBOS URBANAS?

#### RESUMO

Em uma sociedade na qual os padrões de “engavetamento” e polarização dos fatos, pessoas e situações (SANTOS, 2002; MORIN, 1973), se apresenta uma juventude que rompe com este paradigma. Este estudo objetiva investigar as percepções dos jovens acerca de si e de seus encontros no coletivo. Para tanto, utiliza-se da conjunção das metodologias das Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006) e dos Diários de Itinerância (BARBIER, 2007). Foram observados jovens em encontro semanal em um parque de Porto Alegre (RS), suas ações e posturas. Nestas observações foram realizadas “rodas de conversa” com estes jovens, na expectativa de conhecer como se dão as relações entre si e entre os espaços pelos quais transitam. Os achados de pesquisa apontam na direção da constituição de si em espaços que se caracterizam pela diversidade. Há uma quebra em relação aos padrões vigentes na modernidade, uma vez que os sujeitos inferem que o encontro juvenil não se dá unicamente pela afinidade entre pares, mas a unidade entre eles se dá pelas diferenças: rockeiros, funkeiros, emos, entre tantos outros. Desta forma, é possível constatar que existe um movimento inconsciente de aproximação juvenil pela diversidade, visto que o processo de divisão de jovens por “tribos”, no caso analisado, perdeu sua força.

#### 1. INTRODUÇÃO

É possível afirmar, em 2018, que as juventudes permanecem se organizando em tribos que pouco dialogam entre si?

Este estudo pretendeu investigar as percepções dos jovens acerca de si e de seus encontros no coletivo, através do uso conjunto da metodologia das Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006) e dos Diários de Itinerância (BARBIER, 2007).

O estudo foi realizado em um evento organizado via Facebook, intitulado “Encontro EMO Porto Alegre”, com mais de dois mil participantes confirmados, previsto para ser realizado no Parque Germânia, em Porto Alegre – RS, no dia 30 de setembro de 2017, conforme captura de tela do Facebook que segue.



Figura 1 – Captura de tela do evento no Facebook

Há que se destacar que os estudos os quais estão imersos no campo de pesquisa das Culturas Juvenis contemporâneas são estudos *com os jovens* e não apenas, sobre os jovens (FEIXA, 2004). Neste sentido, as pesquisas aderidas ao campo são de alguma maneira, investigações de cunho etnográfico ou de pesquisa-ação.

## 2. CONCEITOS-CHAVE PARA O ESTUDO

### a) Culturas Juvenis Contemporâneas

Ao entrar em uma sala de aula ou cruzar com os jovens pela cidade, é impossível não notar suas presenças. Estão à nossa frente, falam com linguagem própria, gesticulam, distinguem-se pela vestimenta, escutam música, digitam no celular, reúnem-se em grupo, expressam deliberadamente suas emoções: são os jovens contemporâneos. A temática das culturas juvenis é amplamente trabalhada e apresentada por Feixa (1998, p. 32), quando afirma que “as culturas juvenis se referem à maneira com que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente”.

A transformação terminológica que nos autorizará a falar em juventudes e em culturas das juventudes corresponde ao reconhecimento da existência de distintos universos sociais. Entendemos que a retomada do conceito genérico de juventude concederá lugar a uma forma de ser jovem em uma região, em uma cidade, em um bairro ou uma comunidade concreta em um tempo também determinado. E? importante mencionar que, se de um lado a categoria juventude contempla de alguma forma, as inquietudes e os conflitos de um tempo de vida com o qual, muitos adultos, encontram-se identificados, de outro, deparamos com manifestac?ões na sociedade e que parecem na?o enxergar as juventudes com bons olhos, caracterizando-as como fase negativa e perigosa, que necessita, por vezes, da massiva intervenc?a?o do poder pu?blico.

Na esteira de Dayrell (2007) quando se fala em condição juvenil nós estamos nos referindo não apenas ao modo como a sociedade constitui e atribui sentido, em diferentes momentos históricos e geracionais, a este tempo da vida, mas também nos reportamos às diferentes formas como é dado viver este tempo pelos distintos jovens em função de seu pertencimento social, de sua etnia, raça, gênero... Ou seja, alinhado ao que ABRAMO propusera em 2005, há que se distinguir entre condição juvenil, vivida por todos os que compartilham esta etapa de vida e situação juvenil que dará conta de como jovens, que experimentam distintos graus de possibilidades e de dificuldades dada a sua realidade, vão viver esta condição juvenil.

Pais (2003, p. 98) defende que “a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados. Nesta lógica, destaca-se a ideia de que não existe uma juventude universal em que todos, se parecem com alguns deles. A juventude é uma categoria que precisa ser reconhecida em sua multiplicidade de ser e de viver a partir de seus ideários, estéticas e consumos culturais...homogeneizá-los unificando seus sentidos e deslocamentos, é empobrecer a riqueza de um fenômeno complexo, que se manifesta nas práticas cotidianas destes sujeitos.

Para se entender quem é o jovem contemporâneo e o que pensa, também é necessário entender as particularidades de cada sujeito ou de cada sub-grupo. Vale lembrar Spósito (2005) quando afirma que a juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade.

Neste contexto, há que se entender que o uso do espaço urbano pelo jovem contemporâneo, lócus deste artigo, pode se dar tanto no âmbito individual como no âmbito coletivo. O fato é que individualmente ou coletivamente, o jovem transita pela cidade para cumprir suas mais variadas funções: estudo, trabalho, lazer... O tensionamento que surge a partir deste entendimento é: será que o jovem olha para sua cidade ou apenas a vê como espaço de trânsito? Quais são, efetivamente, as relações do jovem com sua cidade?

### b) Apropriação do Espaço Urbano

Para que possamos construir o conceito de apropriação do espaço urbano, de maneira a dar sentido de como a pesquisa o entende e o utilizou, faz-se necessária a constituição do entendimento de três conceitos importantes que, ao bricolarem-se, compõe o mosaico-entendimento da “apropriação do espaço urbano. São eles: espaço urbano, território e lugar.

*Conceito de Espaço Urbano:* é definido como “uma unidade de análise consistindo em um conjunto de edifícios, atividades e população conjuntamente reunidos no espaço” (CLARK, 1991, p. 37).

*Conceito de Território:* o entendimento deste conceito deriva do entendimento de uma regra básica: território é a expressão de qualquer tipo de poder sobre qualquer tipo de espaço. Podemos entender o território como uma categoria de análise geopolítica, por exemplo, ou simplesmente como um conceito estruturante da geografia nas escolas. Haesbaert (2011), já nos aponta para muitas visões de interpretar a categoria “território”. Seriam elas: materialista, naturalista, econômica, jurídico-política, idealista, integradora.

*Conceito de Lugar:* O Lugar é uma maneira que se tem de interpretar o espaço Geográfico a partir das relações de identidade e pertencimento estabelecidas com o próprio espaço. Neste sentido, há que se ponderar, para o estudo, que a identificação com determinados espaços urbanos diz muito sobre os pertencimentos dos jovens à sua cidade. É importante aclarar que o espaço que é lugar para determinado sujeito pode não ser para outro, abrindo-nos a discussão dos espaços topofílicos (lugares, de pertencimentos) e os espaços topofóbicos (de estranhamento). Nesta amplitude de conceitos, o lugar compõe-se, assim, da forma mais próxima que o espaço geográfico pode ser percebido pelos sujeitos.

Ao alargar o debate dos jovens e suas relações com a cidade é possível encontrar amparo com Oliveira (2008, p.235) ao referir que: “Eles são sua própria obra; ao espalhar suas assinaturas pela cidade, transformaram-se em personagens urbanos e dizem, por meio das suas escritas: ‘eu existo’, ‘eu circulo pela cidade’, ‘esta cidade também é minha’ ”.

As condições pelas quais os jovens se condicionam como tal categoria estão vinculadas tanto ao tempo quanto ao espaço. Temporalmente é fato que a categoria “jovem” existe não só além de uma condição social, como também de um recorte temporal.

Assim, as questões próprias já descritas no tópico anterior se fazem totalmente interligadas com o conceito de juventudes. Espaço, lugar e território estão, dessa forma, diretamente vinculados a esta condição social que caracteriza as juventudes e, conseqüentemente, as culturas juvenis. O corpo, nesse sentido, constitui-se da primeira espacialidade experimentada pelo jovem na constituição de si, visto que, como aponta Cavalcanti (2015, p.19), “observa-se em suas práticas que eles utilizam seu corpo para se apropriarem, por exemplo, da cidade, ou seja, para ocupar seus lugares e neles imprimirem suas marcas, produzirem seus territórios”.

O território, em uma leitura de jovens e da cidade, é entendido como o espaço de apropriação, de posse, de pertencimento. As distintas territorialidades urbanas demarcadas pelos jovens constituem-se em uma rede de espaços de posse, nos quais a cidade é cenário e partícipe ao mesmo tempo. Lugares e territórios, assim, fazem parte da constituição urbana dos sujeitos, em especial dos sujeitos jovens, como visto até então.

### c) Paradigma da Modernidade

A palavra paradigma expressa a noção de um modelo que serve como exemplo. No caso do Paradigma da Modernidade, fala-se do modo pelo qual o mundo ocidental de fundamenta, cujo marco – e recorte – histórico encontra-se no Renascimento (1300 – 1600) e a Revolução Científica (1543).

De acordo com Morin (1973), a Revolução Científica possibilitou a fragmentação do real e a consequente perda da complexidade na análise dos fatos e situações tanto concretas como abstratas, o que gerou, de acordo com Santos (2002), as mais distintas micro-divisões da ciência e da sociedade como um todo.

Para realizarmos uma comparação entendível ao público pesquisador e profissional do campo da educação, recorremos ao exemplo da fragmentação curricular – buscando não realizar juízo de valor sobre a mesma: há um currículo escolar compartimentado e com pouca conexão. Disciplinas como: matemática, língua portuguesa, geografia, história, química, física, biologia, literatura, filosofia e sociologia abordam diferentes campos do conhecimento à seu modo, em alguns casos, forçando a realização de algum trabalho inter, trans ou multidisciplinar. O esquema que segue possibilita uma visualização do exposto.



Figura 2 – Diagrama do engavetamento das disciplinas do currículo escolar

Organização: os autores (2018)

Observa-se, então, um padrão de engavetamento do currículo escolar. Sabe-se que tal situação não se consolidou desta forma unicamente pela vontade dos professores e gestores, mas como um processo de sucessivas consequências de inserção da educação em um modelo maior de sociedade: o paradigma da complexidade.

Em diversos campos da sociedade contemporânea torna-se possível constatar tal realidade. Na medicina, por exemplo, há especialidades tão restritas que, por vezes, o pensamento holístico, de pensar o ser humano como um todo, fica esquecido. A intenção de “engavetar” e compartimentar o conhecimento, os campos da vida social e as práticas cotidianas surge naturalmente e segue como modelo. Existem, entretanto, sujeitos e situações que rompem com esta normatização: é o que pretendemos abordar na sequência.

Neste sentido, ao apresentarmos os três eixos conceituais básicos da pesquisa, quais sejam: culturas juvenis contemporâneas, apropriação do espaço urbano e o paradigma da modernidade, pode-se compreender o quão interligados estão tais conceitos, uma vez que o entendimento dos usos-trânsitos juvenis no espaço urbano passam por uma filiação de identidade (conceito de lugar) e por sentimentos de posse (conceito de território). No caso dos jovens estudados neste recorte, há o rompimento da normatização proposta pela modernidade: a do engavetamento de jovens em tribos urbanas.

A compreensão da ideia de Espaço Geográfico e que este inclui por natureza o espaço urbano, bem como que podemos identificar diferentes territórios que se formam e se desformam no a qualquer momento, nos coloca frente ao quão inquietante são estes estudos. Da mesma forma a compreensão do conceito de lugar e as diferentes lugarizações que se estabelecem no espaço urbano pelos jovens contemporâneos, na medida em que citaram, ao longo da pesquisa, espaços de identificação.

### 3. QUADRO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

Utilizou-se da conjugação das metodologias das Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006) e dos Diários de Itinerância (BARBIER, 2007). Foram observados jovens em encontro semanal no Parque Germânia, em Porto Alegre – RS (conforme imagem de satélite que segue), suas ações e posturas.



Figura 3 – Imagem de Satélite do Parque Germânia e arredores

Fonte: Google Maps, com adaptações dos autores

Para realizar uma contextualização geográfico-social do espaço observado (retângulo amarelo), apresentam-se os espaços circunscritos ao parque: 1 – Country Club de Porto Alegre; 2 – Shopping Bourbon Country; 3 – Shopping Iguatemi e; 4 – Prédios e Condomínios de alto padrão. Constata-se, assim, que o parque está incrustado em uma zona de alto poder aquisitivo de Porto Alegre, informação esta que será importante ao analisarem-se os achados da pesquisa.

As Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006), nos possibilitam olhar e re-olhar os comportamentos dos sujeitos para encontrar seus comportamentos. Através do uso desta metodologia, é possível descobrir-se como um “etnógrafo urbano”, “misturando-se no público, o papel de observador clandestino” (p. 21). Assume-se como um “sociólogo que passa por o não ser para melhor o ser” (p. 21) e transforma-se num “participante natural da realidade que observa” para prosseguir - “uma caminhada que se foi fazendo no seu próprio caminhar”, com dúvidas e dilemas (p. 22).

Os Diários de Itinerância (BARBIER, 2007) foram as formas de registro das observações em campo, já definidas como o “bloco de apontamentos no qual cada um mostra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém da uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida” (2007, p.133). O diário de Itinerância, segundo Barbier (2007) compõe-se, concretamente, de três fases: diário rascunho: no qual se escreve tudo o que se tem vontade de anotar no fervilhão da ação ou na serenidade da contemplação; diário elaborado: no qual se acrescentam informações mais detalhadas ao diário rascunho e; diário comentado ou socializado: socialização do diário elaborado com o grupo e discussão.

A amálgama das opções metodológicas permite aos pesquisadores a observação participante das práticas juvenis analisadas e o registro – reflexionado – de tais práticas. Nestas observações foram realizadas “rodas de conversa” com estes jovens, na expectativa de conhecer como se dão as relações entre si e entre os espaços pelos quais transitam, dentre esses espaços, destacamos o parque, a casa, a escola e as demais relações espaciais delimitadas.

#### 4. UM ENCONTRO COM OS EMOS? MAIS MENOS...

Passavam poucos minutos das 14h quando chegamos ao local no qual o encontro estava marcado. A julgar pelo número de confirmações, via Facebook, pensávamos que o grupo seria facilmente visível no parque. Olhamos para todos os lados e não vimos ninguém. Esperamos por eles um bom período de tempo, visto que continuavam a ocorrer manifestações de adesão ao encontro pelo Facebook.

De repente, avistamos uma dupla, em um banco do parque. Fomos até eles para saber se estavam ali para o encontro convocado pela rede social e, se estavam dispostos a falar conosco sobre os emos.

A oportunidade da escuta permitiu que nos dissessem acerca do estereótipo que cerca os jovens que pertencem ao grupo emo, talvez pelo rechaço a uma estética considerada diferente. A partir de agora, faremos uso das falas de nossos interlocutores. Ao início de cada extrato encontra-se a letra P, que não remete à identidade, mas sim às posições de enunciação. Com tal providência demarcamos que existe variação na posição de sujeito.

P1 Muita gente acha que ser emo é usar aqueles cabelos, pintar unha, usar maquiagem. Que o emo é aquele que vive excluído vive para baixo, que é triste... Mas não! Eu acho que isto é um estereótipo de ser emo.

P2 Embora o pessoal emo, muitos sofrem bullying por gostar de um certo tipo de música, as dificuldades que usar cabelo comprido, roupa colada. Eles chegam a ser chamados de gay, mas cada um tem seu gosto!

Quando perguntamos acerca de como se sentiam na escola, lembram as dificuldades que enfrentaram o quanto sentiram falta da ação mais consistente dos professores quando sofreram *bullying* pela opção emo.

P1 A escola tem os populares, os esportistas e os excluídos esses se juntam e formam os emos.

P2 Muitos entram em depressão, querem se matar por isso, (a exclusão) e a escola não vê, ou não quer ver. Eu me sentia muito mal, tinha dificuldade de fazer amizades...

Ao concluir esta conversa, avistamos outro grupo e nos dirigimos a eles. Diferente da dupla anterior estes, eram muitos. Tínhamos agora diante de nós um grande grupo de jovens, todos vestidos de preto, sentados na relva, próximo a uma árvore. Posteriormente entenderíamos o sentido da proximidade com *aquele* árvore. Sentamos também! Foi impressionante a reação deles a partir deste momento, pois após nos apresentarmos e dizermos o que fazíamos ali, todos queriam participar contando sobre a sua vivência no parque.

Concluído o procedimento de consentimento oral, perguntamos se ali era um encontro emo. Os jovens responderam:

P1 Mais menos... Porque a maioria das pessoas que tem a mesma idade da gente vem para cá e fica entre a gente. Não só pessoas tipo emos. Tem funkeiro, e mais tipos também.

P2 A gente vem para cá no sábado e encontra muita gente. É muito interessante... Quem não era amigo vira amigo depois.

P3 Aqui a gente faz amizade e em outros lugares a gente não consegue se comunicar, porque as pessoas nos discriminam pelo estilo.

P4 Cada um tem o seu estilo.

Perguntamos um exemplo de lugar onde eles não conseguem se comunicar, novamente, jovens da escola básica citam o colégio.

P1 A escola!

P2 Onde tem grupinhos sociais. Na escola onde eu estudava eu era muito excluída porque eu gostava de coisas diferentes do que as minhas amigas- colegas gostavam. Então eu era bem excluída. Aqui é bem diferente! Independente do que tu gostas as pessoas irão te aceitar, Podes ser lésbica, gay, travesti... Todo mundo te aceita.

Referem que gostam de estar ali, na árvore, no Parque Germânia, juntos. Reunidos próximos àquela árvore que para eles, é um lugar demarca um espaço de identidade e de pertencimento. Contam que ali, compartilham preocupações e também as alegrias.

P1 Eu conheci aqui, gostei...

P2 Eu tenho uma amiga que vinha aqui no tempo que o encontro era na outra árvore. E eu encontrava ela lá... De repente a gente foi chamando outros.

P3 A gente tá acostumado a vir para cá... A gente curte aqui pra caramba. Este é mais ou menos chamado como o cantinho da felicidade de várias pessoas

Quem discrimina vocês?

P1 Os adultos, as pessoas que seguem as regras de todo mundo.

P2 As pessoas olham para gente e ficam... Ah! Eles tem cara de ser emo ou aquelas pessoas que bebem, não sei o quê...

P3 Eles nos discriminam deste jeito. Usam preto? Vamos ficar longe, são estranhos!

P4 Por exemplo, os nossos pais, sempre discriminam a gente pelo que a gente está usando e pelo que a gente faz nas ruas.

P5 A minha família não entende como uma pessoa pode gostar tanto de menina quanto de menino. Eles não entendem... Acham que sou lésbica ou eu sou lésbica. Não entendem que eu posso gostar de duas de tudo ao mesmo tempo.

P6 No colégio não é só porque tens um estilo diferente não está ligado nos assuntos que a maioria das pessoas fala. Isso te separa! Tu fica estranha.

Várias vezes os jovens disseram que são considerados estranhos. Perguntamos a eles o que é ser estranho.

P1 Estranho é ser diferente. Nos consideram diferentes. Para o jovem normal, padrão, a gente é diferente!

Existe um padrão?

P1 Existe! De pessoas, do como agir, como fazer, o que gostar.

P2 Na real não foi colocado, ele não está escrito, mas existe.

P3 Escolhemos o Germânia porque muitos vem para cá, emo ou não.

Quem vem para cá?

P1 Aqueles que meio que sobram de outros grupos.

P2 A gente vem aqui para conversar sobre tudo, a gente se ajuda, fazer amizades, ter um companheiro de teu lado.

## 5. NÃO PRECISA MAIS DE TRIBOS, AQUI TEM DE TUDO E TODOS ESTÃO MISTURADOS...

Durante muito tempo imaginávamos em nossa ânsia de tudo governar, que os jovens se agrupavam exclusivamente por suas semelhanças. No entanto, aqueles que escutamos naquela tarde, nos obrigam a deslocar os nossos costumeiros jeitos de pensar. Ao voltar nosso olhar para o esquema das caixas e dos processos de engavetamentos, transportamos nossa atenção não mais ao currículo escolar, mas sim ao que entendíamos enquanto "tribos urbanas".



Figura 4 – Diagrama do engavetamento das tribos urbanas

Organização: os autores (2018)

O que vimos nos levou a refletir sobre a quebra deste paradigma. Sim! Eles têm gostos em comum, mas também se aceitam e encontram-se na diferença. Quando nos dizem “muitas pessoas se encontram aqui, emo ou não” eles anunciam que hoje, outras lógicas presidem a aproximação entre os jovens de distintos pertencimentos: emo, funkeiros, gays, lésbicas, travestis... Todos são bem vindos sob a árvore da felicidade!

Talvez, para enfrentar a turbulência que nos invade diante de grupos que existem e insistem em existir de formas distintas, nos tranquilizemos ao agrupá-los de forma estanque em emos, funkeiros, rappers...

Os jovens que estavam no Germânia naquela tarde de sábado, nos fornecem pistas quanto à pobreza de tal posicionamento, ao verbalizar que as pessoas não conseguem compreendê-los em suas múltiplas possibilidades de ser, de amar e de viver. Eles apostam alto na convivência coletiva, sem que para isso seja necessário abrir mão de suas singularidades. Exercitam nos encontros que realizam o rompimento de fronteiras territoriais (PEREIRA, 2011), pois no parque, há lugar para todos e para cada um. Reconhecem em lugares como o Germânia, ricas oportunidades para a convivialidade, para afirmação das pluralidades sem que, para isso, seja necessário negar a diferença.

Enquanto isso parece que na tentativa *de por ordem no caos*, continua-se tentando classificar o que insiste em nos escapar. E a juventude que ouvimos nos escapa. Se não abrimos mão de nossa obsessão de por ordem no mundo será muito mais difícil olhar e ver as juventudes que estão diante de nós, sem rotulá-los.

Em meio a uma sociedade na qual os padrões de “engavetamento” e polarização dos fatos, pessoas e situações (SANTOS, 2002; MORIN, 1973), se apresenta uma juventude que rompe com este paradigma. Um paradigma se rompe quando as explicações fornecidas por ele não mais recobrem as questões que estão surgindo

Os jovens do Germânia nos trazem novas questões, resta-nos agora decidir o que faremos com elas.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua Geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. *In*: \_\_\_\_\_; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC GOIÁS, 2015.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. *In*: \_\_\_\_\_; CACCIA-BAVA, Augusto; CANGAS, Yanko. (Orgs). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

FEIXA, Carles. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. *In*: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Lisboa: Europa-América, 1973.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. A vida (nem tão secreta) dos pixadores de São Paulo: festas, rolês, tretas e amizades *In*: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. **Nos Rastos da Solidão**. Deambulações Sociológicas, Porto: Âmbar, 2006.

PEREIRA, Angélica Santos. **Domingo no Parque**: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.